

**BURLAS E ASTÚCIAS NA ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA NO
PERÍODO DA DITADURA MILITAR:
MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E ESCRITA**

ROSILENE DIAS MONTENEGRO*

FÁBIO RONALDO DA SILVA**

“A ordem é exercida por uma arte, ou seja, ao mesmo
tempo exercida e burlada”
(Michel de Certeau, 1994)

A década de 1960 é um marco para a sociedade ocidental, em específico, no tocante a mudanças, sejam essas comportamentais – do rebolado frenético de Elvis Presley ao surgimento de movimentos em busca dos direitos das mulheres, dos negros e dos homossexuais – ou políticas – como a Revolução Cubana que levaria Fidel Castro ao poder. Esses e outros eventos ocorridos no Ocidente durante os anos 60 marcaram tanto a sociedade que, para muitos, esse período é tido como a década que nunca acabou, pois, até hoje, em pleno século XXI alguns episódios ocorridos naquela década ainda são sentidos na atualidade.

Essa mesma década no Brasil, ficaria conhecida como o período em que os militares tomaram o poder e instituíram o regime militar que durou 21 anos. Época que ficou conhecida pela falta de democracia, pela censura, supressão de direitos constitucionais, perseguição política, dentre outros.

A Ditadura Militar, instituída no ano de 1964, acabou por restringir o exercício da cidadania e reprimir com violência, todos os movimentos de oposição. No tocante à economia, o governo colocou em prática um projeto desenvolvimentista que produziu resultados bastante contraditórios, tendo em vista que o país ingressou numa fase de industrialização e crescimento econômico acelerados, sem beneficiar, porém, a maioria da população, em particular a classe trabalhadora.

O governo militar deteve o controle dos meios de comunicação e passou a permitir a veiculação de apenas o que era conveniente ao Regime. Os fatos eram omitidos, distorcidos ou recriados. Enquanto a Linha Dura divulgava informações sobre o “Milagre Econômico”, a imprensa e classe artística usavam sua criatividade para criar subterfúgios que pudessem driblar a censura e alertar a população. A Folha de São Paulo, por exemplo, várias vezes chegou a publicar receitas culinárias, incompletas ou impossíveis, na capa do jornal, no lugar das matérias censuradas. No âmbito local,

tomando o Diário da Borboremaⁱ, uma de nossas fontes de análise, tal assunto político, na maioria das vezes, foi mostrado como algo natural, comum, um poder que estava sendo exercido naturalmente e não como um poder imposto, uma ditadura.

Foi nesse período que o Diário da Borborema passou a dar mais destaque às notícias sobre a Escola Politécnica da Paraíbaⁱⁱ, divulgando informações que iam desde a formatura de alunos à instalação de um “cérebro eletrônico”. E será um pouco sobre esses temas citados pelo Diário da Borborema sobre a Politécnica, no período da ditadura, no período em que Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque esteve na direção dessa Escola (1964-1971), que iremos discutir aqui. O recorte temporal se deve pelo fato de que, durante o período em que Lynaldo Cavalcanti esteve na direção da Politécnica foi o período em que, com muitas burlas e táticas, houve a expansão da instituição no tocante a criação de novos cursos, pós-graduações e vários convênios firmados com instituições nacionais e internacionais. Foi um momento de grande produção de cultura, no sentido do que nos destaca Certeau (1994:142): que toda atividade humana pode ser cultura, mas ela não o é necessariamente ou, não é forçosamente reconhecida como tal, pois, “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza.”

Um dos assuntos trazidos pelo Diário, em 13/12/1960, foi que a lei federal N° 3.835, assinada pelo então presidente da república Juscelino Kubitschek, federalizava a Universidade Estadual da Paraíba, transformando-a em Universidade Federal da Paraíba. Nessa estrutura, Campina Grande contava com a Escola Politécnica e com a Faculdade de Ciências Econômicas (FACE), que, mais tarde, se tornariam o Centro de Ciências Tecnológicas (CCT) e o Centro de Humanidades, respectivamente.

Como já observado, o ano de 1964 trouxe grandes mudanças para a vida das pessoas e a Escola Politécnica, bem como o diretor naquela época, Lynaldo Cavalcantiⁱⁱⁱ, também sofreriam com isso, como nos indica o ex-funcionário da Poli, José Nogueira^{iv} em entrevista concedida ao Projeto Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande.

Lynaldo Cavalcanti passou a ser vigiado mas, nem por isso, deixou de usar estratégias para burlar tanto o poder opressivo da ditadura quanto o do reitor, Guillardito Martins.

porque tudo tinha que ter o crivo dos militares. Sendo assim, tudo ficou mais difícil nesse tempo (...), no começo do golpe foi muito pesado, a gente era vigiado, para se ter uma idéia, havia militares na Escola disfarçados. Com a instalação do Golpe, todas as atividades da Politécnica tinham que ser comunicadas com antecedência ao comando do regime; por exemplo: para se ter uma aula de campo, na cidade de Boqueirão, o professor tinha que mandar um ofício ao Comandante do Exército com a relação dos alunos, porque o comandante ia examinar a relação dos alunos, e se tivesse algum suspeito, ele tirava da lista e suspendia a viagem, ou seja, tudo ficou mais difícil devido a presença dos militares. Mas a Escola, mesmo assim, não parou. Porque o Dr. Lynaldo [Cavalcanti] era muito teimoso e tocou o barco para frente a ponto de criar uma certa desconfiança no próprio Reitor [Guilardo Alves Martins], que achou que ele estava avançando demais. O Reitor achava que tudo tinha que passar pelo controle dos militares e doutor Lynaldo continuou fazendo a Escola crescer. Por conta da centralização, e por ser muito vigiada, veio a idéia de se criar a ATECEL⁵; justamente para dar um apoio à Escola Politécnica, porque estava muito difícil continuar os projetos.

Percebemos que aqueles que faziam a Politécnica, principalmente o diretor, utilizavam algumas formas “subterrâneas” para conviver com políticas impostas, instituídas por um “lugar de poder e de querer”. Eles efetuavam as “burlas” dessas políticas, como nos fala Certeau, e o cotidiano da Escola passava a ganhar outra lógica, de acordo com as maneiras de fazer que estavam sendo criadas para burlar as limitações que a Escola estava enfrentando.

Sobre as artes do fazer e as operações astuciosas Certeau (1994) nos fala que,

[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1994:39)

Outro que relata sobre as dificuldades enfrentadas pela Politécnica no período da Ditadura é o professor Edson Pereira (2004) que diz que a Escola só não fechou porque contou com ajuda da comunidade empresarial.

A Escola Politécnica não fechou graças ao apoio de empresas da cidade, da Federação das Indústrias e a Associação Comercial, mesmo assim nós nos cotizávamos para comprar material de expediente, (...) para manter a Escola Politécnica funcionando. Nós fazíamos questão que nossos alunos soubessem disso, que eles estavam fazendo prova com papel comprado pelos professores, que o

mimeografo não parava de produzir material didático porque os professores davam dinheiro para comprar extenso e álcool e o que precisasse [ser comprado].

O próprio Lynaldo Cavalcanti em entrevista feita pelo historiador Manoel Domingues Neto (2004), afirma que tinha muita ambição ao que se referia a Escola Politécnica, talvez por isso, e por outros motivos, ele tenha sido “analisado” mais de perto pelo reitor Guillard Martins.

Eu queria fazer da “escolinha de Campina Grande”, como era chamada pelos cearenses e pernambucanos, uma Escola. Uma Escola que fosse respeitada, que tivesse conceito, que tivesse qualidade, que tivesse professores qualificados, que tivesse pesquisa, tivesse tecnologia, tivesse relação com a indústria. Esse era meu sonho (...).

Entretanto a relação entre o diretor da Escola Politécnica da Paraíba e o reitor da Universidade Federal da Paraíba não era pacífica. “Mesmo sendo uma relação profissional, nunca foi boa”, afirma Lynaldo Cavalcanti.

Mesmo cercado por várias possibilidades de análise, considerando seus interlocutores, Certeau recupera as astúcias das artes de fazer, mostrando como “o homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação. Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que o autor vai chamar de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. Mesmo Guillard não gostando do que Lynaldo estava fazendo na Escola Politécnica e, por isso, o “investigando”, Lynaldo conseguia, por meio de suas astúcias e táticas, burlar esse olhar vigilante e continuar com sua administração da Politécnica. Ele foi fazendo seu próprio caminho no uso das normas impostas pela política vinda do reitor, do melhor modo possível e a ordem social.

Enquanto essas burlas às normas ao reitor ocorriam dentro da Poli, os jornais, em específico, o Diário da Borborema, no mesmo período publicavam notícias sobre os candidatos que foram aprovados no vestibular e algumas outras notícias de cunho não tão importante, socialmente falando, para aquele período no qual estava inserido o país; entretanto, em uma busca muito mais refinada, é possível encontrar algumas poucas notícias ou artigos nos quais a Politécnica era citada e que estava, quase sempre implícito, assuntos que faziam alusão à política, ou melhor, a protestos contra a forma

como ela vinha sendo gerida no país. Poderemos perceber na pequena nota encontrada no Diário da Borborema do dia 01/04/1964 que tem como título “Alunos da Politécnic decidem, em Assembléia, entrar em greve para apoiar o presidente Jânio Quadros”. E em seguida há o texto: “Segundo Gil Teixeira Filho, presidente do Diretório Acadêmico da Politécnic o movimento paredista será uma manifestação da greve geral decretada pela UNE em sinal de protestos contra a crise atual e contra a crise nascida de uma política dirigida por maus brasileiros”.

O professor Edson Pereira relembra um pouco sobre a experiência de participar do Movimento Estudantil da Escola Politécnic.

(...) entrei em [19]63 e, na época, quem já estava no Movimento Estudantil filtrava muito os que pretendiam entrar. Os que chegavam eram observados muito tempo até merecem a confiança de participarem do Movimento Estudantil, mas nós o fizemos, e acho que fizemos bem, fizemos com lisura, com espírito público, com patriotismo, lutávamos pela melhoria de qualidade de ensino. Nós também não colocávamos a administração como inimiga, apenas somos de lados opostos. Havia um entrosamento muito grande entre os alunos e a administração, o Diretório Acadêmico apoiava muito a administração da antiga Politécnic até para fortalecimento, porque havia o preconceito contra a Escola Politécnic, principalmente quando ela começou a fazer parte da Universidade Federal da Paraíba. A Politécnic sempre foi discriminada. Ou a gente se unia ou então simplesmente o projeto podia falir.

O Golpe fora dado três meses depois que Lynaldo Cavalcanti foi nomeado diretor da Escola Politécnic. E, ao contrário do que Pereira afirma, Cavalcanti, por um tempo, não era bem querido pelo Diretório Acadêmico que o via como alguém da “direita”.

Antes de Cavalcanti, Pereira afirma que o diretor Antônio da Silva Morais^{vi} era mais preocupado em fazer a Escola funcionar com o curso de Engenharia Civil e, em alguns momentos, a instituição acabava se mostrando apolítica.

Dr. Morais, assim como os demais administradores e professores, sentia que a situação da Escola Politécnic era frágil e se fragilizaria mais ainda se pendesse para esse ou aquele grupo político, então tentavam efetivamente manter uma posição equilibrada de quem quer manter a instituição apolítica.

Tempos Modernos: O IBM 1130

Um fato expressa bem as burlas feitas pelos que faziam a Escola Politécnica e que teve repercussões positivas para os seus cursos, entre os quais o de Engenharia Elétrica, foi a instalação, ao final de 1967, de um computador IBM-1130, o primeiro da POLI e o primeiro existente em uma escola superior do Norte e Nordeste.

Era um computador de grande tamanho, criado em 1965 para uso de engenheiros, cientistas e matemáticos, além de suportar também serviços administrativos de pequeno volume. Máquina de terceira geração para a época, com 32K de memória principal e um sistema formado por uma unidade de disco de 512K de 16 bits, uma impressora de 120 linhas por minuto e uma leitora de cartões com velocidade de 600 cartões por minuto. O IBM 1130 tinha a capacidade de uma simples máquina de calcular, mas, para a época, era extremamente útil e inovador.

Como o reitor Guilaro Martins não queria que o computador fosse instalado em uma cidade do interior – a intenção dele, segundo Cavalcanti, era que o IBM 1130 fosse instalado em João Pessoa, capital do estado e onde estava a Universidade Federal da Paraíba a qual a Politécnica estava ligada – Cavalcanti e outros professores e funcionários tentam encontrar soluções para conseguir verbas para a compra do computador.

E, mais uma vez, as burlas e astúcias são requeridas para que o computador seja instalado na Politécnica

Viabilizava-se, assim, o Centro de Processamento de Dados (CPD) da Associação Técnico-Científica Ernesto Luiz de Oliveira Júnior (ATECEL), criada em agosto de 1967, “para fazer essas coisas que não podia fazer institucionalmente, foi através da Atecel que se conseguiu comprar o computador”, como afirma o professor Stênio Lopes em entrevista ao Projeto Memória. Com a ajuda da ATECEL foi feito o financiamento do computador e os periféricos necessários.

O professor-fundador da Escola Politécnica da Paraíba, José Marques de Melo, nos explica o porquê e a importância da ATECEL.

[Ela] surgiu na Universidade, na Politécnica, para que os recursos fossem aplicados com maior rapidez, e o mais barato possível. Para isso foi criado esse órgão, que fazia as obras, [e as] executavam (...) e, ainda hoje, faz esse serviço. O que é de ruim, “carne de peçoço”, a Escola mandava para a Atecel.

Segundo Cavalcanti, essa foi uma alternativa que eles encontraram para que a Politécnica pudesse gerar recursos.

Nós fizemos um movimento entre os ex-alunos, nesse tempo já tínhamos umas oito turmas de ex-alunos. Eram turmas pequenas, mas tinha muita gente que era ligada a Escola (...) e cada um doou (...) [C215] 200 cruzeiros e fizemos uma rifa de um [carro] Volkswagen, uma rifa de um boi (...) para gerar recursos para [pagar] as despesas da instalação [do IBM1130], para fazer um piso de madeira, piso falso para esconder as instalações, reforçar a instalação elétrica (...)

Na época, o computador comprado para a Politécnica, custou em torno de 17 mil cruzeiros novos.

A instalação do IBM1130 foi noticiada pelo Diário da Borborema em dois momentos, o primeiro, em 04/07/1968:

Ajuda decisiva de JA ao computador da Politécnica

Como é do conhecimento público, os professores da Escola Politécnica de Campina Grande sempre procurando melhorar e aperfeiçoar as condições técnicas para a formação mais apurada dos seus alunos, criaram há alguns meses atrás, a Associação técnico-científica Ernesto Luiz de Oliveira Júnior (ATECEL), com a finalidade de promover pesquisas nos campos da Hidráulica, Mecânica, Eletrônica e em outros setores da engenharia para a realização de suas finalidades, a ATECEL criou e irá manter um Centro de Processamento de Dados que disporá de um computador eletrônico IBM – 1130, já encomendado e que será instalado ainda este mês em dependência da Escola Politécnica cedida para esta finalidade. O uso do computador IBM 1130, além dos serviços que prestará as empresas públicas e privadas de Campina Grande e do estado da Paraíba, possibilitará melhor formação dos alunos dos cursos de Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica, da Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, possibilitando a referida Escola ficar em dia com os avanços da ciência e tecnologia. As demais Escolas Superiores de Campina Grande terão pleno acesso ao computador para trabalhos didáticos e de pesquisa sem nenhum ônus. RECURSOS NECESSÁRIOS: Através de recursos obtidos de professores, ex-alunos e alunos da Escola e contando com a colaboração de diversas entidades e empresas da cidade já foram pagos à IBM do Brasil 15 mil cruzeiros novos, restando o pagamento de 2 mil cruzeiros que continuam sendo carreados na comunidade e no estado. A forma escolhida para assegurar a instalação do computador foi a do aluguel, devido ao alto custo do equipamento e a possibilidade de renovação do mesmo, quando surgirem novas gerações de computadores. O computador será utilizado pela

SANESA, SAELPA, Prefeitura Municipal de Campina Grande, TELINGRA, etc, de modo a garantir a sua manutenção. O equipamento de ar condicionado foi doado pela conceituada firma de Engenharia ASTEP S.A de Pernambuco, autora dos projetos geotécnicos da BR-230 e Anel do Brejo. (...)

E em 18/08/1968, mês que ocorreu a instalação do computador, foi publicado a seguinte notícia:

Campina na era da automação

A inauguração do primeiro computador a ser utilizado para o processamento de dados em Campina Grande ocorreu ontem (sábado) na Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, por iniciativa da Associação Tecno-científica Ernesto Luiz Oliveira Junior, de que é presidente o engenheiro Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, diretor daquela Escola. A solenidade contou com o comparecimento de autoridades e convidados especiais, constituindo-se acontecimento de alto relevo na vida cultural paraibana pelo significado intrínseco do conteúdo que revestia, através do qual Campina Grande desde então passou a incorporar diretamente ao seu processo de desenvolvimento a mais avançada das conquistas da ciência e da tecnologia contemporâneas. Com a inauguração do computador IBM-1130 na Escola Politécnica cuja programação de trabalho alcançará várias empresas privadas e públicas, além do treinamento de alunos dos cursos de engenharia daquela unidade de ensino e pesquisa, a nossa cidade revela-se uma vez pioneira no nordeste brasileiro colocando-se em pé de igualdade com Fortaleza, Salvador e Recife e outros grandes núcleos urbanos do Brasil que já utilizam computadores, em suas atividades científico-tecnológicas e econômicas. (...) Na opinião praticamente unânime dos que a conhecem em sua atual fase de expansão, formando quadros técnicos de alto nível, não ser dos melhores de que se pode orgulhar o ensino superior do nordeste, mas de todo o país a Escola Politécnica de Campina Grande enfileira-se, hoje entre as quatro ou cinco escolas de engenharia de maior renome do Brasil, graças à seriedade do trabalho que realiza e aos elevados objetivos que presidem a orientação de seus currículos. A Politécnica desmentiu todo o pessimismo fundado na desconfiança de que, fora dos centros urbanos tradicionais do litoral, representados pelas capitais políticas dos estados, não era possível o ensino superior em alto nível e capaz de amplo reconhecimento pelas elites, culturais do país e do estrangeiro. Na verdade, o antigo tabu achou-se internamente superado e o ensino superior terioriza-se cada vez mais, sem a mínima perda de suas existências, criar condições novas ao desenvolvimento econômico social do país. Uma das quatro únicas cidades do Nordeste a atingir até agora, de todo direito e planejado, a era da automação, Campina Grande orgulha-se de sua escola de engenharia, de seus dirigentes, professores e alunos que tornaram possível à inauguração do computador IBM-1130, ontem efetiva.

Oficialmente, segundo Lopes, notícia sobre o assunto que fora publicada no Diário, não veio nenhum dinheiro da reitoria da UFPB. O computador foi adquirido com ajuda dos estudantes, ex-estudantes da Politécnica e da sociedade campinense. E foi para a sociedade campinense que o computador passou a prestar serviços, sendo também uma forma de angariar fundos para pagar as prestações da máquina. “Nós começamos a gerar recursos meses depois, quando a gente começou a imprimir folhas de pagamento de governo do Estado, imprimir contas da CAGEPA, da SANESA, enfim, da Companhia de Eletricidade de Campina e de João Pessoa” afirma Cavalcanti.

Ainda no ano de 1968 Lynaldo Cavalcanti estaria começando a luta para implantação de cursos de pós-graduação na POLI, o que acabou se concretizando dois anos depois. A instalação do Mestrado em Engenharia Elétrica na Escola Politécnica deu-se em 05 de outubro de 1970, em sessão solene com a presença do reitor Guilardo Martins.

É importante trazer aqui mais um fragmento da entrevista do professor Nogueira que afirma que a criação dos cursos de pós-graduação em Campina Grande deixou o reitor um pouco incomodado.

Durante a Ditadura, na gestão do reitor Guilardo Martins, que se encheu de ciúmes com relação a direção da Escola Politécnica, mais especificamente com relação a pessoa do Lynaldo Cavalcanti, porque Lynaldo conseguiu dois cursos de Pós-graduação para Campina Grande, quando não se esperava isso antes de mais dez anos de vida da Escola: o Curso de Pós-graduação em Civil e o curso de Pós-graduação em Elétrica.

As astúcias feitas pelo diretor da Politécnica contribuíram para a construção da imagem de uma Escola progressista e moderna, que estava ajudando a cidade de Campina Grande a se modernizar, a ser um centro de excelência no ensino superior e que ajudaria a solucionar os problemas regionais mesmo numa época tão conturbada política e economicamente que foi a década de 60, era bastante forte como poderemos perceber na matéria que o *Diário* publicou comemorando os dez anos da POLI.

(...) A partir de 1963, com a mudança para sua sede própria, em Bodocongó, vem apresentando grande expressão com a ampliação da área construída, instalação de diversos laboratórios e aumento do acervo de seus equipamentos. Também foram criados os cursos de Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica além das opções de Transporte e Saneamento, do curso de Engenharia Civil. Elevou-se ao nível de ensino tecnológico e básico, com a incorporação de

novos docentes egressos de outros centros, principalmente do ITA. AVANÇO: Professores estrangeiros, de alto nível, através da Cooperação Técnica Francesa, da USAID e da Comissão FULBRIGHT lecionam naquela Escola superior e vários professores participam de curso de pós-graduação e aperfeiçoamento no sul do país e no estrangeiro. A EPUFP mantém convênios com a Escola de Engenharia de São Carlos e o ITA, por meio da Universidade Federal da Paraíba e acordos de cooperação técnica para Hidráulica de Toulouse, França. EXPANSÃO: A Escola Politécnica é hoje, indiscutivelmente, uma das melhores unidades de engenharia do nosso país, para satisfação e orgulho dos campinenses. Dispõe de área construída de 600 m² e no momento se encontra em construção mais 1300 m². Trezentos jovens de todo Nordeste realizam seus estudos, orientados por 54 professores (Diário da Borborema: 06/10/1967, página: 08)

Foi o desejo e a vontade de fazer algo que pessoas como Antônio Morais, José Marques de Melo Júnior, Stênio Lopes, Lynaldo Cavalcanti, alunos, funcionários, dentre outros ajudaram a fazer/construir a Escola Politécnica e torná-la uma Escola de excelência que, – algum tempo depois foi agregada a UFPB e que, mais tarde, passaria a ser a UFCG – atraiu estudantes e pesquisadores para a cidade contribuindo para que, aos poucos, empresas voltadas para a produção e serviços de tecnologia se instalassem em Campina e que ela fosse vista como um pólo produtor de ciência e tecnologia. Foram essas e outras notícias, sobre o processo de desenvolvimento da cidade, que estariam sendo publicadas pelo Diário da Borborema num período em que o Brasil vivenciava o regime militar.

As invenções cotidianas representam as diferentes formas que os que faziam a Politécnica de se ajustarem a essa política requerida pelo reitor, as diferentes formas de reorganizarem o cotidiano de suas práticas. Tais invenções do/no cotidiano vão produzindo uma “cultura”, saberes pedagógicos da Escola, saberes produzidos pelo diretor, professores e alunos, na dialeticidade da vida cotidiana, na concretude do cotidiano acadêmico.

ⁱ Fundado em 02 de outubro de 1957.

ⁱⁱ A Escola Politécnica da Paraíba foi fundada em 1952, na cidade de Campina Grande e, em 1973, após torna-se Centro de Ciências Tecnológicas (CCT) passa a ser Campus II da UFPB.

ⁱⁱⁱ Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque foi vice-diretor da Politécnica de 1962 a 1963, assumindo a direção da Instituição a partir de 1964 até 1971.

^{iv} José Nogueira foi funcionário da Escola Politécnica.

^v Associação-técnico Científica Ernesto Luiz de Oliveira Júnior

^{vi} Foi diretor da Escola Politécnica de 1952 a 1963 e durante a sua direção, o único curso criado foi o de Engenharia Civil.

REFERÊNCIAS

ACERVO de depoimentos do Projeto Memória – Organização e Preservação da Ciência e Tecnologia em Campina Grande (1952-2002).

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano,

Diário da Borborema: Dezembro de 1960; Outubro de 1967, e agosto de 1968